

Boletim

Nº 2.056 - Ano 45 - 29 de abril de 2019

UMA HISTÓRIA DO CAMPUS

Heloisa Starling, da Fafich, reuniu em livro casos emblemáticos e folclóricos que contam a trajetória do campus Pampulha – e da própria Universidade. Com prosa leve e bem-humorada, ela fala de pessoas, edifícios e da paisagem natural e mostra que os caminhos trilhados pela UFMG “ensinam a garantir liberdade”.

Página 5



Tucanuçu
pode ajudar a
planejar BH

Página 4

Financiamento da **PESQUISA** e o papel da **FAPEMIG**

Paulo Sérgio Lacerda Beirão*

A recente inauguração do Centro de Tecnologia em Nanomateriais e Grafeno (CTNano), no BH-Tec, ensejou reflexões que compartilho neste texto. A linha do tempo desse empreendimento mostra, como marco inicial, o pós-doutorado do professor Marcos Pimenta no Massachusetts Institute of Technology (MIT), em 1998, quando surgiam no mundo os primeiros estudos com nanotubos de carbono e com grafeno. À época, essas estruturas eram curiosidades científicas porque, embora dotadas de características bastante peculiares, ninguém poderia assegurar sua utilidade. Com seu retorno, Marcos Pimenta encontrou um ambiente favorável ao desenvolvimento de pesquisa nessa área emergente. Passados cerca de 20 anos, já estão demonstradas aplicações inovadoras desses materiais para a construção civil, e podemos vislumbrar inúmeras novas aplicações em materiais plásticos. Esses são os carros-chefes do CTNano, que colocam Minas Gerais na fronteira desse novo negócio.

Por ser um empreendimento bem-sucedido, e ainda com enorme potencial de crescimento, é bom analisarmos suas características. Do investimento total feito, cerca de 52% vieram de empresas, com destaque para a Petrobras e a InterCement; 45% vieram do setor público federal, com destaque para a Finep e o BNDES; 3%, do setor público estadual, com destaque para a Fapemig. Neste momento, o caro leitor pode pensar: apenas 3%? Ao analisarmos melhor, vemos que boa parte do investimento da Fapemig, ainda que percentualmente pequeno, foi feita em momentos cruciais, quando ainda não havia clareza quanto à aplicabilidade dos conhecimentos em nanotecnologia. Não fosse a Fapemig, esses estudos não teriam ocorrido. Só a partir do momento em que essas aplicações foram comprovadas é que elas começaram a atrair o interesse da iniciativa privada.

Do ponto de vista econômico, os estudos iniciais constituíam investimento de alto risco, no qual nenhuma empresa teria interesse em participar. A demonstração de possíveis aplicações inovadoras atraiu esse interesse e, junto com ele, o apoio do BNDES. Os recursos da Fapemig, aplicados na hora certa, foram a semente que alavancou o grande investimento que se seguiu (no qual a Fapemig continua contribuindo, embora em menor proporção). Esse padrão de investimento, desde a pesquisa básica até o desenvolvimento de produtos inovadores, é o que ocorre normalmente nos países desenvolvidos.

Podemos tirar algumas lições dessa história: se não houvesse o investimento de alto risco feito inicialmente em tal “curiosidade científica”, não haveria o CTNano; se a Fapemig se restringisse a financiar projetos com evidente aplicabilidade, não teríamos esses novos produtos; quando as possíveis aplicações se tornam demons-

tradas, isso atrai as empresas e o apoio da Fapemig passa a ser complementar. Esse é o papel singular de agências como a Fapemig.

Outra reflexão diz respeito ao tempo de amadurecimento de uma tecnologia. Nesse caso, foram 20 anos, o que mostra a insensatez das expectativas de que todos os projetos devem ter aplicação imediata. Se houvesse essa exigência há 20 anos, não teríamos o CTNano (nem saberíamos o que estávamos perdendo). O caro leitor pode se perguntar: sempre temos, então, que esperar tanto tempo? Na realidade, pesquisas têm diferentes tempos de maturação, e existem projetos em andamento que tiveram financiamentos iniciados há anos. Eles poderão gerar, em curto ou médio prazos, os próximos “CTNanos”.

Porém, nem todos serão bem-sucedidos, por diversas razões. Alguns projetos podem “não dar certo” porque seus resultados terão pouca aplicabilidade ou pouco interesse econômico – quando se trabalha na fronteira do conhecimento, não se pode ter certeza dos resultados. Por outro lado, os resultados podem ser aplicáveis, mas pode não haver interesse da nossa indústria – se não houvesse interesse da Petrobras e da InterCement, o empreendimento CTNano não existiria.

Infelizmente, essa é uma realidade mais frequente do que gostaríamos. Como exemplo, a Fapemig é cotitular de mais de 500 depósitos de patentes (inclusive, de 80 internacionais) que ainda estão à disposição da indústria esperando o desenvolvimento de novos produtos. Finalmente, outro grande risco de insucesso é a descontinuidade do investimento, que teria sido fatal para o empreendimento CTNano. Com a interrupção da pesquisa e/ou a desagregação do grupo de pesquisa, os novos produtos poderiam estar sendo produzidos em outra parte do mundo (e nós, importando-os).

Encerro com uma pergunta: quantos empreendimentos como o CTNano devem estar sendo gestados e podem morrer por falta de financiamento? Quantos produtos (ou processos) importantes para a nossa sociedade poderemos deixar de gerar se interrompermos nossas pesquisas? As nações desenvolvidas consideram despesas em Ciência e Tecnologia como investimento, e algumas conseguiram mudar o seu perfil econômico exatamente como consequência disso, mesmo em ambientes de crise. Os cortes que estão sendo feitos em nome de ajustes (ainda que necessários) podem estar comprometendo, hoje, o futuro do nosso país.

*Diretor de Ciência, Tecnologia e Inovação da Fapemig

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, por meio de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 5.000 a 5.500 caracteres (com espaços) e indicar o nome completo do autor, telefone ou correio eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou tréplicas ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

Para **SURDOS** e **OUVINTES**

UFMG publica edital para seleção de candidatos ao curso de Letras-Libras; trinta estudantes vão ingressar no segundo semestre deste ano

Teresa Sanches

O edital de abertura do primeiro vestibular específico para seleção de candidatos ao curso de licenciatura em Letras-Libras foi publicado em 22 de abril, no Diário Oficial da União e no site da Comissão Permanente de Vestibular (Copeve). Criado no fim do ano passado pela Faculdade de Letras, o 91º curso de graduação da UFMG vai oferecer 30 vagas, sendo 25 para candidatos surdos e cinco para ouvintes, com entrada no segundo semestre deste ano.

Em 2002, a Lei 10.436 reconheceu a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda, que representa 5,1% da população brasileira, com 9,7 milhões de pessoas, de acordo com último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado em 2010. Desse total, mais de dois milhões têm deficiência auditiva severa, e um milhão são crianças e jovens até 19 anos.

A expectativa dos coordenadores do colegiado do curso Letras-Libras, Giselli Mara da Silva e Guilherme Lourenço Souza, é de que a nova formação prepare docentes para atuar, especialmente, nas escolas de educação básica, atendendo a uma demanda formal da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, enviada à UFMG em 2015. A rede estadual atende 1.530 alunos surdos, 1.456 com alguma deficiência auditiva

e 11 surdocegos, a maior parte em escolas regulares inclusivas.

Acessibilidade e protagonismo

O vestibular específico, cujo edital foi aprovado no dia 9 de abril pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), terá provas em Libras e Língua Portuguesa. Na avaliação da professora Giselli, essa é uma condição estabelecida desde o início da concepção do curso, que favorece a acessibilidade e a inclusão de membros da comunidade surda na formação e o seu protagonismo na futura atuação como professores da língua de sinais.

Os candidatos – surdos e ouvintes – também concorrerão nas modalidades de vagas para cotistas e pessoas com deficiência e farão provas em Libras sobre conhecimentos das disciplinas escolares (geografia, história, matemática, física, química e biologia) e conhecimentos gerais sobre língua de sinais e surdez. A Língua Portuguesa terá duas provas diferentes, sendo uma para os candidatos surdos, que têm o português como segunda língua, e outra para os candidatos ouvintes.

“Como a maioria das aulas será ministrada em Libras, o vestibular vai avaliar, simultaneamente, a fluência do candidato na língua de sinais e os conhecimentos gerais sobre as demais disciplinas escolares”, observa Guilherme Lourenço.

Maturidade

De acordo com Giselli Mara, a proposta do segundo curso oferecido pela Faculdade de Letras “revela a maturidade alcançada pela Universidade na construção de uma política de acessibilidade e inclusão”. Guilherme Lourenço acrescenta que “ter uma área de Libras já consolidada, com vários projetos de ensino, pesquisa e extensão em desenvolvimento, representa um diferencial para a formação proposta pela UFMG”.

Os coordenadores lembram que, desde 2009, a Faculdade de Letras vem investindo na formação de um quadro docente qualificado na área de Libras. Atualmente, são cinco professores, sendo quatro doutores e um mestre. “Essa qualificação nos permitiu construir um projeto sólido para a formação de professores, que atende não somente a uma determinação legal, mas também à própria política de inclusão da Universidade”, afirma Giselli Mara.

“Os profissionais atuarão no ensino de Libras tanto para pessoas ouvintes, que desejam aprender a Libras como segunda língua, quanto para crianças surdas, que têm direito de fazer seu percurso escolar com disciplinas na sua língua materna, a língua de sinais”, observa Lourenço.

O curso vai contemplar três grandes eixos: formação linguística, com disciplinas sobre a língua de sinais, sua estrutura, gramática e aquisição; literatura e artes surdas, com conteúdos sobre literatura surda e os aspectos culturais da comunidade; formação pedagógica dos futuros profissionais, por meio da junção de todos esses conhecimentos e sua aplicação no ensino da Libras. A produção de material pedagógico para ensino de Libras na educação básica será outra frente pedagógica.

Além dos professores Giselli Mara e Guilherme Lourenço, compõem a área de Libras da Faculdade de Letras as docentes Michelle Murta, Rosana Passos e Elidéa Bernardino, que coordena o Núcleo de Estudos sobre Libras, Surdez e Bilinguismo (NELiS).

[Matéria publicada no Portal UFMG, em 22/4/2019]



Guilherme Lourenço e Giselli Mara: quadro docente formado desde 2009

Na ROTA do TUCANUÇU

Movimentação da ave é usada por pesquisadores da UFMG como referência para identificação de corredores ecológicos, visando fomentar políticas de planejamento urbano

Matheus Espíndola

A existência de áreas verdes organizadas em meio à malha urbana é importante para formar corredores que conectam os ambientes, promovendo, assim, a circulação de animais e a dispersão de frutos e sementes. Em Belo Horizonte, a Mata do Isidoro, a Mata do Planalto e a Área de Proteção Ambiental (APA) Fazenda Capitão Eduardo compõem corredores ecológicos essenciais para o deslocamento da ave tucanuçu (tucano grande), um dos principais vetores de disseminação de sementes na região Norte da cidade.

As implicações desse fato são abordadas na pesquisa interdisciplinar da qual participou a bióloga Marise Barreiros Horta, doutoranda no Programa de Pós-graduação em Ecologia, Conservação e Manejo da Vida Silvestre, da UFMG. A investigação resultou no artigo *Functional connectivity in urban landscapes promoted by *Ramphastos toco* (Toco Toucan) and its implications for policy making*, publicado na revista *Urban Ecosystems*, dedicada a investigações sobre aspectos socioeconômicos e ecológicos em ambientes urbanos.

Como explica Marise Horta, a conectividade “é um conceito vital na ecologia”, fundamental para a sobrevivência das florestas. “Nas cidades, as áreas verdes funcionam como repositórios de biodiversidade. Esses habitats precisam estar ligados de alguma forma. Sem trocas genéticas, uma área natural isolada tende a se deteriorar”, argumenta. Para traçar um roteiro da conectividade ecológica na cidade, os autores recorreram a dados secundários obtidos em levantamentos nos quais houve rastreamento por GPS do voo do tucanuçu.

Os locais indicados como itinerários da ave, de acordo com Marise Horta, encontram-se ameaçados pelos interesses de expansão urbana da região Norte. “Em Belo Horizonte, as reservas naturais estão sendo reduzidas gradualmente, sem que sejam criadas novas unidades de conservação. Além da manutenção dessas áreas, devem ser adotadas estratégias de incremento da conectividade da paisagem”, completa.

Tecnologia

A pesquisa teve como foco as rotas mais vantajosas, as preferidas ou mais prováveis do tucanuçu, para locomoção a partir do Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado em direção às áreas de vegetação mais expressivas da região Norte. A escolha da ave foi devida à sua efetividade na dispersão de sementes e à amplitude de seu deslocamento, que chega a três quilômetros ininterruptamente. “O tucanuçu voa, até mesmo, por cima de prédios altíssimos. A perspectiva da ave pode orientar a viabilidade ecológica da construção de um bairro novo, por exemplo. Isso representa um grande avanço tecnológico e possibilita a inserção de informações ecológicas no planejamento urbano”, observa Marise Horta.

Conforme apurado, a rota em direção à Mata do Isidoro é normalmente priorizada pelo tucanuçu, que inclui em seu percurso a Mata do Planalto. As manchas florestais de maior importância para a conectividade geral da paisagem abrangem a Mata do Isidoro e da APA Fazenda Capitão Eduardo. Essas áreas, como informa a bióloga, têm gerado controvérsias entre ambientalistas e empreendedores imobiliários.

“A APA Fazenda Capitão Eduardo foi criada em 2001 e em 2015 foi alvo de um projeto de lei que visava transformar o local em um empreendimento habitacional do Governo Federal. Hoje, a Mata do Planalto se encontra em situação semelhante, com possibilidades de ser transformada em um condomínio residencial com vários prédios. Já a Mata do Isidoro está incluída em um projeto que visa convertê-la em área residencial para 300 mil habitantes, estruturada com edifícios, centros de compras, hipermercado, escolas, postos de saúde e outros equipamentos urbanos”, exemplifica a pesquisadora.

De acordo com Marise Horta, as informações sobre os potenciais impactos da urbanização obtidas como resultados do estudo deveriam ser levadas em conta na formulação de políticas de planejamento urbano. “Não adianta conservar uma área isoladamente, é crucial atentar-se também para as vizinhas, ainda que sejam pequenas. A proteção dos locais de relevância ecológica e da biodiversidade, por meio da priorização da conectividade, é essencial para os ecossistemas e para a qualidade de vida da população. Nosso trabalho é um dos pioneiros sobre ecologia urbana e sua aplicabilidade no Brasil”, garante Marise Horta.

Artigo: *Functional connectivity in urban landscapes promoted by *Ramphastos toco* (Toco Toucan) and its implications for policy making*

Autores: Marise Barreiros Horta, Pedro Fialho Cordeiro, Sônia Maria Carvalho-Ribeiro, Geraldo Wilson Fernandes e Fernando Figueiredo Goulart, todos da UFMG, e Tulaci Bhakti, da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop)

Disponível em <https://urlzs.com/s6Wm>



Chris Parfitt | Creative Commons

Perspectiva do tucanuçu pode orientar viabilidade ecológica da construção de um bairro novo

Guiada pelo AFETO

Heloisa Starling conta em livro “uma história” do campus Pampulha, com os bastidores da construção, casos pitorescos, lendas e episódios de resistência

Itamar Rigueira Jr.

“O que a senhora está fazendo aqui em cima, professora?” – perguntou gentilmente um segurança do campus Pampulha, ao deparar com a historiadora Heloisa Starling na cobertura do prédio da Fafich, onde trabalha. Ela fora conferir a informação de que os urubus preferem as coberturas da Fafich, da Faculdade de Letras e da Biblioteca Central. “É que os urubus não fazem ninhos, e, no alto desses edifícios, eles encontram as frestas perfeitas para guardar seus ovos”, explica.

Heloisa Starling conta essa história, entre tantas outras, ao falar de sua pesquisa para o livro *Campus UFMG*, mais novo integrante da coleção *BH. A cidade de cada um*, da Conceito Editorial. Com prosa leve e bem-humorada, em que trata o leitor por você, a autora mistura casos pitorescos, lendas, o processo da construção do campus ao longo de seis décadas e episódios ocorridos em momentos graves que, conforme destaca, moldaram o caráter da Universidade.

Fruto de “pesquisa de historiadora, guiada pelo afeto”, como diz Heloisa, o livro valoriza, por exemplo, o longo esforço de arborização do campus Pampulha e a disputa sobre a preservação do terreno que hoje abriga a Estação Ecológica, que chegou a ser destinado à construção das faculdades de Odontologia e Farmácia. “A polêmica em 1992 consolidou o momento a partir do qual a comunidade universitária passou a manifestar publicamente seus pontos de vista e a discutir, por vezes apaixonadamente, as relações que desejava estabelecer com o mundo natural, no lugar que escolheu para viver sua rotina diária”, escreve Heloisa Starling.

A autora percorre o campus também para mostrar que suas vias não foram batizadas à toa – “é no ato de nomear seus espaços que a Universidade narra suas histórias”, afirma Heloisa. No livro, ela explica as razões das homenagens a nomes como Eduardo Frieiro, professor de literatura espanhola e hispano-americana, único catedrático da UFMG que só tinha o curso primário; Francisco de Assis Magalhães Gomes, criador e primeiro diretor do Instituto de Ciências Exatas e um dos pioneiros das pesquisas nucleares no país; e Conceição Ribeiro Machado, que, em seu discurso de professora emérita, proferido em 31 de outubro de 1997, Dia das Bruxas, denunciou “a fogueira em que se queimavam o conhecimento e as personagens femininas que o produziam”.

Sacis e fantasmas

Heloisa Starling não se furta a encarar as lendas do campus Pampulha. Ela volta à Estação Ecológica para falar do “sacizeiro” e diz que basta encostar o ouvido num gomo de bambu para escutar os meninos de uma perna só. “Os sacis são o espírito dos caminhos que atravessam o campus: protegem bichos, plantas e até as pessoas, mas não é fácil vê-los”, escreve. Fenômenos sobrenaturais também habitam a Reitoria: há quem garanta que da antessala do Conselho Universitário sai uma luz ofuscante na noite da véspera do aniversário da UFMG, em 7 de setembro. Heloisa aproveita o ambiente em que ficam os retratos dos reitores e reitoras para imaginar uma cena rica (e divertida) de diálogos e lembranças, em que eles e elas “se aborrecem, resmungam, vangloriam-se”.

A autora revela que uma de suas estratégias na escrita de *Campus UFMG* foi iniciar os capítulos com histórias de luta pela autonomia e contra a opressão. Em 1930, o primeiro reitor da UFMG, Francisco Mendes Pimentel, apoiado na premissa de que governos não devem interferir na autonomia universitária, recusou-se a obedecer, também



Bianca de Sá | Papelícula

Heloisa: esforço de arborização e polêmica sobre Estação Ecológica

contra a vontade dos estudantes, ao decreto de Getúlio Vargas que aprovava automaticamente os alunos sem necessidade de exames finais. A razão não assumida era que a Revolução de 30 tivera apoio de estudantes, que chegaram a pegar em armas. Na reunião do Conselho Universitário para deliberar sobre o assunto, ocorreu um episódio em que o aluno de medicina José Ferreira Vianna, de 23 anos, morreu atingido por um tiro. “Foi um divisor de águas para a então Universidade de Minas Gerais. Mendes Pimentel sonhava com uma grande universidade”, afirma a autora.

Em 9 de julho de 1964, foi a vez do reitor Alúcio Pimenta resistir à tentativa de intervenção na UFMG pelo governo militar. Deixou falando sozinho os oficiais que invadiram seu gabinete e botou a boca no mundo. “Ele aprontou um escândalo sem tamanho”, escreve Heloisa Starling. “Professores, estudantes e funcionários se uniram na luta pela autonomia universitária, e a opinião pública apoiou a UFMG.”

“Espero que os estudantes leiam o livro, eles vão gostar. A leitura vai tornar mais apurado o olhar para o campus e para a UFMG”, diz a autora, reforçando também a importância de conhecer a história da Universidade para defendê-la. “A instituição não se defende sozinha, é necessário que a comunidade se mobilize. A história da UFMG ensina a garantir a liberdade.”

Livro: *Campus UFMG*

Autora: Heloisa Murgel Starling

Editora: Conceito Editorial (Coleção *BH. A cidade de cada um*)
158 páginas / R\$ 25

Lançamento: Sábado, 11 de maio, às 11h, na Livraria do Ouidor (Rua Fernandes Tourinho, 253, Savassi)

INTERAÇÃO PLENA

Pesquisa pioneira identifica condições ideais para posição canguru na relação entre mãe e bebê

Karla Scarmigliat*

A maioria das pessoas já ouviu falar na posição canguru, na qual o bebê permanece “amarrado” ao corpo dos pais para um contato pele a pele. Essa posição traz diversos benefícios que já são conhecidos pela literatura científica, como o fortalecimento do vínculo entre a mãe e a criança, importante para o desenvolvimento do bebê prematuro e de baixo peso. Mas, para que o benefício seja pleno, é necessário seguir algumas regras que foram identificadas pela fonoaudióloga Cynthia Nunes em pesquisa inédita desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Saúde da Criança e do Adolescente, da Faculdade de Medicina da UFMG.

O estudo mostra que, quando o bebê é colocado na posição canguru até o terceiro dia de vida, as chances de interação entre mãe e criança quase duplicam. E quanto mais tempo a criança passar longe da mãe, menor será a resposta: cada dia de atraso para o início da posição diminui 0,05 pontos no protocolo que avalia a sintonia da interação entre mãe e criança, que vai de zero a cinco pontos. Os recém-nascidos acomodados mais vezes durante o dia na posição canguru também apresentaram maior capacidade de interação.

A interação traz benefícios também para o desenvolvimento comunicativo da criança durante a infância, com impactos para toda a vida. “Devido a fatores emocionais, sociais, hereditários e às morbidades relacionadas à prematuridade e ao baixo peso, essas crianças apresentam risco para desenvolvimento sociocomunicativo, e a posição auxilia na interação social, especialmente quando adotada antes do terceiro dia de vida e por mais vezes durante a internação”, diz Cynthia Nunes.

Vídeos

Para mensurar o início e a frequência da posição, a pesquisadora avaliou 144 vídeos, produzidos assim que a criança recebeu alta hospitalar e após seis meses. Tanto na alta hospitalar quanto seis meses depois, as mães foram incentivadas a interagir com os filhos por meio de brincadeiras. “Tínhamos uma direção positiva dos benefícios da posição, mas não havia uma mensuração de como a relação entre mãe e filho poderia ser influenciada pela posição canguru”, explica a pesquisadora.

A análise das gravações seguiu os parâmetros determinados pelo Protocolo de Observação da Interação Mãe-Bebê. “Esse protocolo orienta a avaliação de aspectos como a procura de mãe e bebê um pelo



Aylla Freitas, com Gael: interação favorece o desenvolvimento comunicativo da criança

outro, as respostas do bebê – se ele sorri, se ele vocaliza ou chora ou quantas vezes dirige o olhar para a mãe. Também avalia como está a sensibilidade da mãe, o envolvimento dela durante essa brincadeira. Assim, conseguimos atribuir valores às características e associar à posição canguru”, relata.

Em mães fumantes, mesmo que passivas, as chances de interação foram menores em 0,67 ponto. “Desde pequenos, os bebês já são capazes de diferenciar cheiros, como o do leite materno, o da mãe e o da nicotina”, ela diz. A pesquisa também identificou que as mães “de segunda viagem” ou mais têm maiores chances de apresentar menor pontuação na sintonia entre a mãe e o filho. Outros estudos associam esse resultado a questões emocionais maternas, como o nível de estresse de mães preocupadas, por exemplo, com os outros filhos em casa.

De volta ao berço

A posição canguru foi introduzida na Colômbia, na década de 1980, para enfrentar a falta de incubadoras e de atenção especializada para os bebês. Em contato pele a pele com o filho, a mãe poderia mantê-lo aquecido e amamentá-lo mais facilmente. No Brasil, a posição canguru integra o Método Canguru, adotado nas maternidades públicas para uma atenção humanizada aos recém-nascidos de baixo peso. O método vai além da posição canguru, considerando outros aspectos como controle de luminosidade e ruído, alta hospitalar precoce em aleitamento materno e livre acesso dos pais à UTI Neonatal.

Para Cynthia Nunes, os resultados da pesquisa são importantes para o desenvolvimento de um projeto terapêutico singular para os bebês internados. Assim, será possível prevenir problemas de interação entre a mãe e o bebê e, até mesmo, de linguagem. O Ministério da Saúde tem uma Norma de Atenção Humanizada ao Recém-Nascido de Baixo Peso, atualizada pela Portaria nº 1.683, de 12 de julho de 2007. A perspectiva é que o estudo contribua para o direcionamento e a atualização das normas.

“A realização da posição canguru é muito barata, não requer grande estrutura. É necessária uma cadeira para a mãe sentar confortavelmente, além de capacitação da equipe. Nesse processo, a mãe não é a única responsável – a gestão hospitalar e os profissionais precisam ter interesse, sensibilidade e atenção humanizada à família do recém-nascido pré-termo. Na prática, o que a gente vê são bebês com cinco dias de vida que a mãe ainda nem tocou”, conclui a fonoaudióloga.

*Jornalista da Faculdade de Medicina da UFMG

Dissertação: *Repercussão da posição canguru na relação mãe-criança pré-termo durante o primeiro semestre de vida*

Autora: Cynthia Ribeiro do Nascimento Nunes

Orientadora: Maria Candida Ferrarez Bouzada Viana

Defesa: 4 de junho de 2018, no Programa de Pós-graduação Saúde da Criança e do Adolescente

FRENTE PARLAMENTAR

A reitora Sandra Goulart Almeida participou, na última semana, na Câmara dos Deputados, do relançamento da Frente Parlamentar pela Valorização das Universidades Federais. O objetivo do movimento suprapartidário é debater e construir projetos para a defesa das instituições contra ameaças à autonomia universitária e cortes orçamentários.

A frente conta com assinaturas de centenas de deputados e senadores e deverá receber ainda mais adesões. A solenidade em Brasília reuniu 75 parlamentares, 67 reitores e representantes de instituições federais e dirigentes de entidades como a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e a Associação Nacional de Pós-graduandos (ANPG).

SAÚDE MENTAL E INCLUSÃO

A Semana de Saúde Mental e Inclusão Social da UFMG, que será realizada de 13 a 17 de maio, recebe inscrições para o evento na página <https://bit.ly/2URqzN2>.

O tema da sétima edição será *De mãos dadas pela democracia*, com atividades nos campi Pampulha, Saúde, Montes Claros e também em Brumadinho. A programação inclui conferências, mesas-redondas, apresentação de pôsteres, rodas de conversa, oficinas e atividades culturais. Podem participar estudantes, técnicos, professores, usuários de serviços de saúde mental e familiares.

A Semana foi instituída em 2013 pelo Programa de Extensão em Atenção à Saúde Mental da UFMG, em parceria com movimentos sociais, sindicais, conselhos profissionais e coletivos.

DARWIN DAY

O papel da Teoria da Evolução nas Ciências Biológicas e nas pesquisas básica e aplicada, em relação à espécie humana, a plantas e outros organismos – incluindo regulação gênica, biologia do desenvolvimento e neurobiologia –, é o tema central do Darwin Day UFMG 2019, programado para 17 de maio, a partir das 8h, no auditório nobre do CAD 1, campus Pampulha.

O Darwin Day, de caráter transdisciplinar, promove reflexão sobre temas fronteiriços entre genética, zoologia, botânica, fisiologia, bioquímica, microbiologia e ecologia, e tem como ponto norteador a teoria formulada por Charles Darwin em 1859.

As inscrições, gratuitas, devem ser feitas no site do evento (<https://bit.ly/2KLZhz2>), que é promovido pelo Instituto de Ciências Biológicas (ICB), com apoio da Sociedade Brasileira de Genética, dos programas de pós-graduação em Genética, Zoologia, Botânica, Microbiologia e Ecologia e do Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares (IEAT/UFMG).

FOTO PREMIADA

A pesquisadora Raquel de Oliveira Barreto, do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade (Neos/UFMG), é a vencedora do 8º Prêmio de Fotografia Ciência & Arte, promovido pelo CNPq, na categoria *Imagens produzidas por câmeras fotográficas*.

Sob o título *Velhices que brotam no/ do semiárido mineiro*, a foto retrata uma das diferentes formas de envelhecer e as peculiaridades desse processo. O trabalho integrou o processo de produção da tese *Cartografia dos modos de ser da velhice e do trabalho rurais no médio Vale do Jequitinhonha*, defendida no início deste ano, no programa de Pós-graduação em Administração da UFMG (<https://bit.ly/2UWiYwX>).

Nesta edição, o prêmio do CNPq recebeu 1.023 trabalhos, sendo 487 na categoria *Imagens produzidas por câmeras fotográficas* e 268 na categoria *Imagens produzidas por instrumentos especiais*. A premiação será entregue durante a 71ª Reunião Anual da SBPC, em julho, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), em Campo Grande.



Raquel Barreto | CNPq

D. Conceição, 105 anos, de Araçuaí: velhice e trabalho rural

ENSINO MÉDIO

A Faculdade de Educação vai promover, de 8 a 10 de maio, no auditório Neidson Rodrigues, o seminário *Políticas públicas para a melhoria do Ensino Médio: socialização científica, tradução e transferência de resultados*.

O evento, organizado pelo Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente (Gestrado), reunirá pesquisadores brasileiros e estrangeiros, como o professor Romuald Normand, da Université de Strasbourg, e a professora Sofia Viseu, da Universidade de Lisboa. A programação está disponível no site do evento (<https://bit.ly/2PacDkZ>), onde também podem ser feitas as inscrições gratuitamente. Mais informações podem ser obtidas pelo telefone (31) 3409-6372.

NOVO PREFIXO DO HC

A partir de maio, o Hospital das Clínicas da UFMG terá um novo prefixo de telefone: 3307. A mudança possibilitará a criação de novos ramais na instituição – os 519 atuais são insuficientes para a demanda. A instituição terá quase mil números disponíveis (do final 9020 ao 9999). Hoje, o prefixo 3409 é usado pelo hospital e por todas as unidades da UFMG.

A alteração do prefixo se dá junto com a renovação de contrato entre a UFMG e a prestadora de serviço de telefonia e com a aquisição de novas centrais telefônicas, que possibilitou ao HC receber uma unidade exclusiva.

Os ramais dos setores permanecerão os mesmos. A mudança só afetará os números entre o 9000 e o 9020. Além disso, as ligações no âmbito da UFMG também mudarão. Para a comunicação com as unidades da UFMG, será preciso discar o prefixo 3409 antes do ramal desejado. Da mesma maneira, para discar das outras unidades para o HC, será necessário discar o 3307.

Durante o período de transição, previsto para todo o mês de maio, o antigo prefixo continuará funcionando. Depois, o 3409 deixará de existir no âmbito do HC-UFMG.

DIAGNÓSTICOS E PRESCRIÇÃO

A Biblioteca Universitária (BU) oferece à comunidade, para teste, a base de dados Micro-medex, sistema de suporte à decisão clínica desenvolvido pela IBM e utilizado por profissionais da área da saúde. Até 31 de maio, o acesso estará liberado (<https://bit.ly/2UDZxUq>).

O sistema contém informações sobre doenças, exames laboratoriais, medicamentos, toxicologia e medicina alternativa. O objetivo é auxiliar na confirmação de diagnósticos clínicos e na avaliação de interações medicamentosas, entre outras funcionalidades.

Um guia com dicas está disponível no site da BU (<https://bit.ly/2PrH4cV>). Mais informações podem ser obtidas pelo telefone (31) 3409-4627 e pelo e-mail setorperiodicoscapes@bu.ufmg.br.

SUSTENTÁVEL e MULTIUSO

Trabalho premiado da Arquitetura propõe modelo de escola construído com água, terra e pedra; edificação pode se transformar em centro de saúde

João Paulo Alves

Um modelo de habitação sustentável multiuso para comunidades da República do Chade, no centro-norte da África, foi o objeto do trabalho de conclusão de curso (TCC) de Júlia Dias da Mota, no curso de Arquitetura e Urbanismo. A edificação apresenta pequenas modificações no modo de construir tradicional, mas que garantem melhores condições de habitabilidade.

A arquitetura vernácula utiliza insumos básicos oferecidos pelo ambiente – madeira, pedra, terra e água. No Brasil, é muito utilizada, por exemplo, em estruturas de taipa e de adobe (tijolo seco ao sol), empregadas até os dias atuais.

O projeto, que teve participação, em sua primeira etapa (ITCC), de Giziet Tofani, e foi orientado pela professora Sofia Araújo Lima Bessa, recebeu *Menção especial* no concurso ReSchool 2018 Architecture Competition.

Sofia Bessa explica que as estudantes escolheram o tema após cursarem a disciplina *Oficina temática de técnicas vernáculas*, que ela leciona. Após levantamento sobre a arquitetura de terra, as alunas constataram que um terço da população mundial ainda reside em alguma edificação construída dessa forma, e, no continente africano, isso é ainda mais comum.

Efeito em cadeia

De acordo com Júlia Mota, o projeto concilia educação, saúde e comunidade em um único espaço, e a ideia é que sirva de exemplo para aplicação em escala regional. “A intenção é que a solução gere um efeito de melhora em cadeia. O edifício se presta a vários usos: a principal função está relacionada a atividades escolares e comunitárias, mas pode se transformar em local de apoio à saúde, em casos de epidemia ou de va-

ciação em massa”, esclarece a arquiteta.

Além das estruturas que visam ao conforto dos usuários, o prédio conta com estratégias que beneficiam a comunidade de forma sustentável: torres de vento, paredes com maior espessura (para atrasar a entrada de calor), sombreamento nos períodos mais quentes do dia, efeito barreira para os ventos

do Níger, com escassos investimentos internacionais. O Chade, no entanto, está situado em região com solo propício para a fabricação dos adobes”, esclarece a professora.

O planejamento da edificação levou em conta as características do país, como a grande amplitude térmica, o vento e o clima seco da região. O local escolhido para a aplicação está localizado entre as cidades de Ati, capital do departamento de Batha Est, e o município de Oum Hadjer, onde há fonte de água e jazidas de cal, necessárias para a produção dos adobes.

De acordo com Júlia Mota, sua participação no concurso foi inesperada, uma vez que ela tomou conhecimento dele após a apresentação do trabalho, no fim do ano passado. “Como a ReSchool propõe repensar o sistema educacional convencional e os espaços de aprendizagem, resolvi me inscrever, pois o meu projeto versava exatamente sobre essa temática.”

A arquiteta manifesta o desejo de aplicar o projeto no Chade. “Até agora foi difícil a comunicação com algum órgão responsável no país, mas temos tomado conhecimento de ONGs e instituições que apoiam projetos como esse e que atuam em países e regiões carentes.”



Projeto deve servir de exemplo em escala regional

cálidos e secos da região, painéis fotovoltaicos (já usados pelas comunidades por meio de parcerias internacionais), banheiro seco – que dispensa o uso de água – e coleta de água das chuvas.

A proposta era apresentar um tipo de construção que indicasse soluções para os principais problemas ambientais e econômicos relacionados às habitações. A República do Chade foi escolhida em razão das boas possibilidades de aplicação da iniciativa e de suas carências em relação à educação e à saúde.

“O Chade tem uma das piores classificações nos rankings mundiais de Produto Interno Bruto (PIB) e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Mesmo entre os países africanos, figura entre os mais carentes, ao lado

TCC: NOUS – *equipamento de apoio à educação, saúde e convívio comunitário no Chade, África*

Autora: Júlia Dias da Mota (trabalho desenvolvido com Giziet Tofani durante a primeira etapa, ITCC)

Orientadora: Sofia Araújo Lima Bessa

Defesa: dezembro de 2018, no curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo